IMPRESSO
AmigOuvinte
Ano XVIII • Nº 51 • outubro de 2013
INFORMATIVO DA SOCIEDADE DOS AMIGOS OUVINTES DA RÁDIO MEC

Editorial

A rádio fora do lar

De repente, não mais que de repente, no dia 21 de março de 2013, as pessoas que trabalhavam ou frequentavam a Rádio MEC foram surpreendidas por uma ordem judicial interditando o lugar. Era uma sexta-feira e a rádio teria três dias para fazer a mudança.

E foi assim, a toque-de-caixa, que as emissoras MEC saíram do prédio que ocupavam – a AM , há 71 anos; a FM, há 30 –, levando apenas a bagagem de mão. O valioso acervo, os grandes estúdios, quase tudo ficou para trás, como mostram as fotos deste número..

Ao que consta, o Ministério Público recebeu denúncia, fez uma vistoria e lavrou um rigoroso laudo, condenando radicalmente o prédio.

O momento é grave, pois, além de estar fora do Ministério da Educação, desde 1998, a rádio agora ficou fora do lar. Ou seja, estão interditados, há mais de um semestre: o maior estúdio do país; os estúdios A e B; o Auditório; a Discoteca e suas cabines; todas as salas da AM e FM; as cabines de transmissão; os estúdios do 5º andar e, *last but not least*, a própria sala da direção. Tudo deserto.

E o pior é que o elenco de profissionais da rádio também está sendo desertificado – ver *Alto-falante,* na página 2.

Além disso, brevemente, os números referenciais da AM e FM no *dial* – 800 Khz e 98,9 Mhz – também irão mudar, por ordem do Ministério da Comunicação. O que sobrará da velha rádio?

A SOARMEC também foi afetada: perdeu a sua sede e estaría na rua, não fosse a providencial acolhida por parte do Museu do Rádio – ver matéria na página 11.

ATENÇÃO! ESTE NÚMERO CONTÉM FOTOGRAFIAS CHOCANTES QUE NÃO DEVEM FICAR AO ALCANCE DE OLHARES MUITO SENSÍVEIS

Ao que se desenha, a possibilidade de a SOARMEC voltar para a Praça da República é tão difícil e remota quanto à da volta da emissora para o Ministério da Educação, como aconselha o compositor Edino Krieger – veja a carta-aberta na pagina 3.

"Mas as coisas findas ..."

Escolhemos o verso de Carlos Drummond de Andrade, que trabalhou na Rádio MEC, para a manchete deste número, que mostra como a emissora acabou tornando-se uma ilusão auditiva. Na foto grande, a entrada do corredor dos grandes estúdios, no 4º andar, no trecho que dá acesso ao maior estúdio do país. Era o espaço mais nobre da casa – ou mais "de elite", como diriam outros.

Nos vidros das portas de vai-vem, à esquerda, é possivel ler " PRA-2" (o 3º prefixo da emissora, depois de SQA-A e PRA-A). Por elas passaram, desde os anos 1940, toda a inteligência brasileira e todos os nossos grandes músicos, de Villa-Lobos a Cartola. No detalhe, a placa na porta do Estúdio Sinfônico (abaixo do *back-light* esquecido aceso), homenageando Alceu Bocchino, maestro recentemente falecido – veja obituário na página 14.

1923 – 90 anos de rádio no Brasil – 2013

Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - Rádio Ministério da Educação - Rádio MEC

Alto-falante

Chico Teixeira, ex-assessor da Diretoria de Conteúdo e Programas da EBC, é o novo gestor das emissoras MEC e da Nacional AM.

Orlando Guilhon *saiu da gerência das rádios e tornou-se assessor da Presidência da EBC; vai cuidar das redes públicas de rádio – ver carta de despedida na página 9.*

Cristiano Menezes deixou a Gerência Regional das Rádios EBC-RJ, e deve assumir cargo ligado ao acervo das rádios – ver carta na página15.

As notas acima *falam de mudança nos cargos de direção. As que se seguem, dizem respeito a outro tipo de mudança, muito mais radical: como se não bastasse a perda do endereço, a Rádio está perdendo dezenas de seus principais profissionais, ou seja, perdendo sangue. Gostaríamos de detalhar melhor a hemorragia, com fotos, datas, funções e tempo de cada um, mas, para tanto, precisaríamos consultar o Paulo, dos Recursos Humanos, o que é impossível, pois ele, que era o eixo do RH , também foi despedido... Assim, sem muita precisão nas datas, mas com muitos agradecimentos da SOARMEC pelo muito que fizeram pela Rádio, aì vai a relação parcial:*
Paulo César Pestana, mais de 10 anos, RH;
Clarissa Brandão, *mais de 5 anos, repórter;*
Daniela Lapidus, cerca de 15 anos. Ex-locutora da FM e depois produtora da AM;
Dáurea Gramático*, cerca de 10 anos, repórter;*
Gustavo Coutinho – 10 anos, editor de jornalismo e ex-estagiário, aprendeu tudo na rádio.;
Lívia Carla *– quase 10 anos, também aprendeu tudo na rádio e tornou-se repórter premiada;*
Luiz Cláudio Duarte, editor de jornalismo;
Pedro Paulo Collin Gill*, dispensa apresentaçã;*
Elaine Thomé, veterana locutora, trabalhou na FM, saiu e voltou para a rádio. Era a ultimamente, a única locutora oficial da MEC AM;
Flávia Teixeira*, 15 anos, secretária direção;*
Marlene Gonçalves, 20 anos. Começou na limpeza e era auxiliar de serviços gerais;
Tereza Souza *– secretária executiva-gabinete;*
Juçara Lucia Cabral da Veiga, cerca de 5 anos, trabalhava na administração; ***Débora Silva****, era assistente de produção;* **Weber Duarte**, cerca 10 anos, excelente produtor, na linha dos grandes produtores da casa; ***Enídio de Souza****, 15 anos, da equipe de alto nível da MEC, um dos 3 técnicos top-de-linha;* ***Érika Maldonado Lopes,*** *Cinco anos, trabalhou no RH, depois na Programação AM (chamadas e coordenadora programação);* **Munik de Araújo Miranda**, quase 6 anos, era responsável pela discoteca; ***Laureana Telles dos Santos****; quase 6 anos, íntima do acervo, esteve à frente do trabalho de higienização e catalogação feito há pouco, com recursos do BNDES;* **Gilciana Mello**, produtora de mídia, trabalhava na Central de Atendimento ao Ouvinte; ***Laerte Afonso,****mais de 20 anos de casa, técnico top-de-linha (veja matéria na página 15);* ***Lauro Gomes,*** *que dispensa apresentação;* **Lídia Freire**, cerca de 20 anos, produtora e redatora da área cultural da FM; **Thiago Regotto**, coordenador de produção da FM, aprendeu tudo na casa.

Além desses, estão na marca do pênalti: o veterano ***Raquel Ricardo****, locutora da FM;* **Rui Vasconcellos,** locutor da FM; ***Sidney Ferreira****; locutor da FM;* **Toni Villani**, locutor da FM; ***André Luis Rebelo****,10 anos , operador áudio;***Cosme Ubiracy, ex-**estagiário da Funabem, começou com 14 anos e tornou-se técnico de áudio, virou servidor, optou pelo Arquivo Nacional e foi depois contratado pela ACERP; **Francisco Carlos (Carlão)**, mais de 10 anos, trabalha na transmissão, de 24 às 6 horas; ***João Marcelo****, operador de áudio formado pela rádio, cerca de 5 anos de casa;* **José Cléber Brito,** cerca de 5 anos, excelente técnico, opera no jornalismo e na transmissão; **Nelson Vital**, mais de 10 anos. Opera no Estúdio B, de manhã. Bom de transmissão e estúdio; ***Roberto Raposo****, técnico habilidoso e responsável. Trabalha na transmissão, há mais de 10 anos;* **Sidney Guedes**, quase 10 anos na transmissão e jornalismo; ***Luís Cláudio*** *– era da manutenção.*

Na Rádio Cultura FM, setembro foi um mês de estréias de programas produzidos por antigos e novos contratados, como Marcelo Bratke, Roberto Tibiriçá, Ferreira Gullar, João Carlos Martins, Sergio Casoy, Jamil Maluf e Walter Neiva.

Na Praça da República, há dois prédios antigos e não-tombados que foram fechados recentemente: a Gafieira Elite, na esquina da Frei Caneca (acima); e o prédio daquela emissora de elite, a Rádio MEC, que funcionava no mesmo lado da praça, no 141-A .

Boa notícia! Enquanto o mundo gira e a Luzitana roda, Luiz Carlos Saroldi teve uma placa com o seu nome colocada na porta do laboratório de rádio da Escola de Comunicação da UFRJ. O tributo, aprovado unânimemente pela Congregação da ECO, é um reconhecimento da importância do trabalho de Saroldi para a consolidaçãop do curso de radialistmo e de sua contribuição para o rádio e a cultura brasileira.

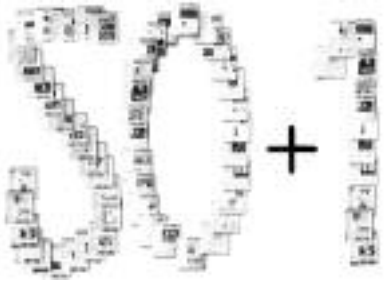
AmigOuvinte

é uma publicação da SoarMEC
Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC.
De Utilidade Pública Municipal (Lei nº 2464),
Estadual (Lei nº 3048) e Federal (portaria 3935)
Prêmio Estácio de Sá 2002
CNPJ 40405847/0001-70
Rua da Constituição, 78 – térreo CEP 20060-010
Tel: 2508-8295
www.soarmec.com.br/amigoouvinte
amigoouvinte@soarmec.com.br soarmec@soarmec.com.br

EDITOR-RESPONSÁVEL: Renato Rocha
JORNALISTA-RESPONSÁVEL: Érika Franziska
PRESIDENTE DE HONRA: Beatriz Roquette-Pinto
DIRETORIA:
PRESIDENTE: Carlos Acselrad
VICE-PRESIDENTE: Regina Salles
TESOUREIRO: José Oscar Santiago da Costa
ATIVID. CULTURAIS (em vacância)
COMUNICAÇÃO: Sônia Virgínia Moreira
PATRIMÔNIO:Adriana Ribeiro SECRETÁRIO: Renato Rocha
CONSELHO FISCAL: Sérgio Cabral (pai)
Edino Krieger e Luiz Carlos Saroldi (in memorian)

COLABORADORES:
SECRETÁRIA: Renata Mello CONTADOR: OSVALDO ROCHA
REVISÃO:Marly Pimentel DIAGRAMAÇÃO: J.C.Mello

Ou a cidadania cultural carioca se põe em brios ou perdemos a Rádio MEC



Guardar este número é uma boa ideia!

Um exemplar exemplar!

Leitor, este exemplar é precioso e merece ser guardado, pois documenta o final de um ciclo da radiofonia brasileira. Um ciclo heróico, mas descendente: o parafuso do rádio educativo-cultural afrouxou mais uma volta. Além disso, e nada desprezível, você poderá até ganhar uns trocados, futuramente, vendendo-o, porque a traumática interdição da Rádio MEC, noticiada nestas páginas, valoriza a importância deste número, o qual, por sua vez, multiplica o valor historiográfico dos outros números deste informativo. Se a coleção do Amigo Ouvinte já era o mais importante documento a respeito da história recente da mais antiga emissora do país, agora, com a interdição do prédio, ganha uma importância especial, pois, ao que tudo indica, este jornal estava, sem saber, registrando, há 51 números, os ultimos 20 anos do sonho de Edgar Roquette-Pinto.

A Rádio perdeu a cor?

Observações de JCMello sobre as fotografias deste número

Atesto que as fotos feitas para esta reportagem têm absoluto caráter jornalístico-documental, e que tudo o que nelas aparece foi intocado. A única intervenção consistiu em acender a luz de serviço dos lugares fotografados. Sim, o *back-light* 'GRAVANDO' já estava aceso e as folhas do *scrip* (pg 6) estavam no chão, bem como as cadeiras da página 8.

Usei uma câmera Nikon D7000, sensor RGB, colorido portanto, mas, por estranho que pareça, como se os ambientes tivessem desbotado, as fotos ficaram sem cor – à exceção de um ou outro extintor, tudo é preto e branco. Ou seja, mesmo que este número fosse em cores, as fotos ficariam mais ou menos assim, como você as vê.

Lançamento & Assembleia Geral

Da mesma forma que o ouvinte, ao escutar a Rádio MEC, não faz a menor ideia dos problemas atravessados por ela, também o leitor deste jornal poderia achar que tudo vai bem com a SOARMEC, o que está longe de ser verdade. Com a interdição, ela perdeu um endereço conhecido e procurado; viu cair sua quota de vendas de CDs e livros; e, justo no momento em que mais precisaria estar forte para tentar reverter a dramática situação da Rádio MEC, encontra-se em inédito impasse. Por isso, vamos realizar uma assembleia – veja convocação, abaixo – na qual será lançado oficialmente este número histórico.

Assembleia Geral Extraordinária

A Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC convida seus associados,colaboradores e todos aqueles interessados na sobrevivência da Rádio MEC, para a AGE que se realizará emergencialmente no próximo dia 31 de outubro de 2013, quinta-feira, às 16 horas, no auditório do Arquivo Nacional, à Praça da República, nº 78. Pauta: o desmonte da Rádio MEC, a responsabilidade da SOARMEC e a recomposição de sua Diretoria.

Carta-aberta à EBC

Edino Krieger

Maior compositor brasileiro vivo, autor de mais de 150 obras; detentor do Golfinho de Ouro e de um prêmio Shell; Edino é inventor de um dos mais importantes eventos musicais brasileiros: a Bienal de Música Contemporânea; dirigiu a FUNARTE, o MIS, a Sala Cecília Meireles e a Academia Brasileira de Música; foi funcionário da Rádio MEC e presidente da SOARMEC. Esta carta foi lida por Tim Rescala durante colóquio com músicos e entidades musicais, a respeito dos rumos da MEC FM.

"É legítima a preocupação da Empresa Brasil de Comunicação no sentido de utilizar os seus canais de rádio dentro de sua vocação natural, que é a informação, o jornalismo, vol-tado para a grande massa de ouvintes. Minha sugestão é que a EBC devolva a Rádio MEC aos seus gestores originais, escolhidos por Roquette-Pinto no ato jurídico perfeito de sua doação da Rádio Sociedade ao Governo Federal. Ele não doou sua emissora ao DIP, que era a EBC da época, mas ao Ministério da Educação, com o compromisso de que a emissora fosse um veículo de difusão exclusiva da Educação e da Cultura.

Devolva-se a Rádio MEC ao Ministério da Educação ou ao Ministério da Cultura, ou a ambos, para que, em conjunto, restabeleçam a educação e a cultura como fundamentos da programação.

No meu entendimento, houve uma apropriação indébita desta emissora por uma empresa de comunicação não comprometida exclusivamente com a difusão da educação e da cultura. Essa apropriação representa um desrespeito aos ideais de Roquette-Pinto. Devolva-se, portanto, a Rádio MEC ao Ministério da Educação ou ao Ministério da Cultura, ou a ambos, para que, em conjunto, restabeleçam a educação e a cultura como fundamentos da programação.

Quanto à EBC, sugiro que atue no sentido de estabelecer normas para a programação das emissoras FM, concessionárias do poder público, e que não têm qualquer compromisso com a cultura brasileira. 95% da programação musical das rádios FM em todo o Brasil são de música popular norte-americana, numa verdadeira lavagem cerebral auditiva de consequência nefasta, pois interfere na formação do gosto musical da população, e até na programação da própria Rádio MEC, que dedica 4 horas semanais, em horário nobre, ao "jazz" americano, e apenas uma hora à roda de choro e à música clássica brasileira. Uma postura colonialista inadmissível numa emissora oficial brasileira. Em resumo, espero que a EBC não cometa o crime de lesa-cultura, privan-do os milhares de ouvintes, de todas as idades, que apreciam a música clássica, de sua única opção de sintonia no Rio de Janeiro.

São os meus comentários e as minhas sugestões."

Edino Krieger

Coleção completa AmigOuvinte

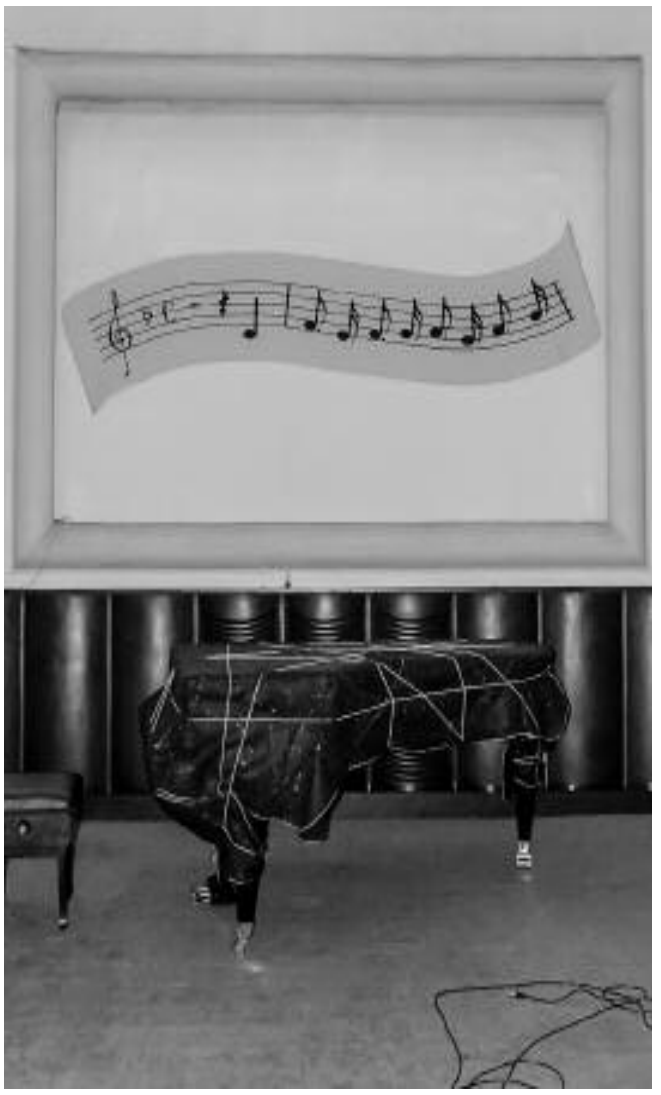
Os interessados em adquirir exemplares antigos ou a coleção completa deste informativo – 618 páginas cobrindo os últimos 21 anos de funcionamento das Rádios MEC – podem entrar em contato pelo telefone 2508-8295, ou pelo e-mail *soarmec@soarmec.com.br*

AGRADECIMENTO

Este jornal foi impresso e distribuído graças à colaboração de uma dúzia de Amigos Ouvintes anônimos, que se quotizaram para fazer frente às despesas com a gráfica e os Correios.

O imbróglio

Ao lado, parecendo ser duas fotos, a famosa pauta, ao fundo do estúdio sinfônico, onde aparecem os dois primeiros compassos do Hino Nacional, com as notas correspondentes a 'Ouviram do Ypiranga as margens...', sem chegar em 'plácidas'. Embaixo, embrulhado, o piano que a SOARMEC adquiriu para o estúdio, em 1999. O fato dele estar deste jeito mostra que as coisas não estão nada 'plácidas,' e que a Rádio MEC está metida numa grande embrulhada.



A saga do Bössendorfer

Todos os pianos desta página serão emprestados à ex-Cidade da Música, hoje Cidade das Artes – que também é um imbróglio de concreto, lá na Barra da Tijuca. O empréstimo vale por dois anos – tempo estimado para as obras na emissora.

Com 14 anos, o Bössendorfer era o mais novo e melhor piano da Rádio, e a Cidade das Artes será sua 3ª mudança de endereço, desde que chegou da Áustria. Pois, relembrando, ao ser comprado para uma emissora do governo, com recursos do governo , foi retido por meses pela Alfândega, outro órgão do governo, num depósito em São Cristóvão,

Vamos torcer pelo seu retorno: não queremos que aconteça com ele o mesmo que aconteceu com o Steinway que, na década de 1960 – quando a rádio quase foi levada para Brasília –, acabou sendo embalado e enviado para lá, e até hoje ainda não voltou.

O Bössendorfer e outras doações

O piano ao lado é um dos vários bens adquiridos e doados à Rádio pela SOARMEC. Além desses, há os bens pertencentes à própria Socidedade.

Os Amigos Ouvintes têm plena consciência de sua responsabilidade e, neste momento difícil, querem ter energia e organização suficientes para inventariar, tim-tim por tim-tim, todo o seu patrimônio atual, bem como todo o patrimônio doado à emissora, avaliado em quase um milhão de reais – além do piano, estúdio de masterização completo, aquisição de equipamentos para transmissores, e inúmeros investimentos em produtos culturais, como o Centro de Estudos Radiofônicos, a Biblioteca Tude de Souza, 3 séries de programas radiofônicos, 19 discos e 3 livros tematizando o rádio educativo e o acervo da própria Radio MEC.

O que fazer com os bens doados à Rádio MEC, se ela deixar de existir como tal? Perguntas nunca imaginadas, como esta, começam a surgir, depois dos últimos e pouco promissores acontecimentos.

Queremos honrar o compromisso e dar todos os passos burocráticos no sentido de documentar o destino de cada ítem mantido ou doado, o que envolve, inclusive, consultas e prestação de contas ao Arquivo Nacional – coisa que nunca foi feita quando a Rádio foi arrancada do MEC, nem quando da extinção da Fundação Roquette-Pinto.

Da mesma forma, queremos cobrar da EBC (e já estamos cobrando, aqui), que o Arquivo Nacional seja acionado para fazer uma auditoria no acervo auditivo e iconográfico da Emissora., conforme reza a lei.

A arte de embrulhar

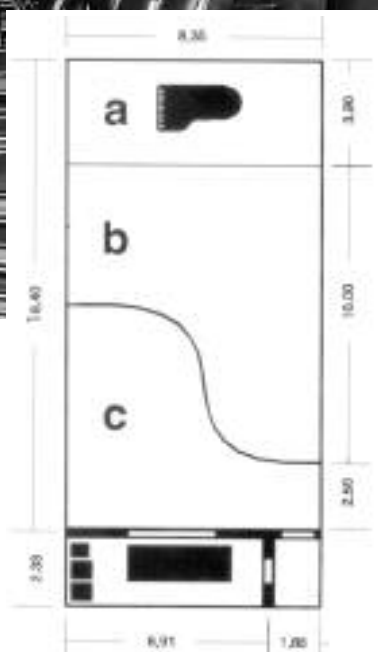
Com certeza, o Nelson Tolipan, ou algum outro aficcionado de jazz, quando vir estas fotos, irá lembrar da capa do LP de Duke Ellington (à esquerda), que parece um trabalho do grande embrulhador belga, Christo, mas que na verdade é de autoria de Gene Greiff (foto de Ronald G.Harris). À direita, a obra *Infiltração para piano de cauda de Joseph Beuys*, outro grande embrulhador. Repare agora, nas fotos abaixo, como os pianos da Rádio MEC também foram embrulhados com arte.

Da esquerda para a direita: o Steinway do Estúdio B; o Petroff e o cravo do Sinfônico; o Bössendorfer, em outro ângulo; e a espineta e o Pleyel do Estúdio A.

O maior e mais belo estúdio

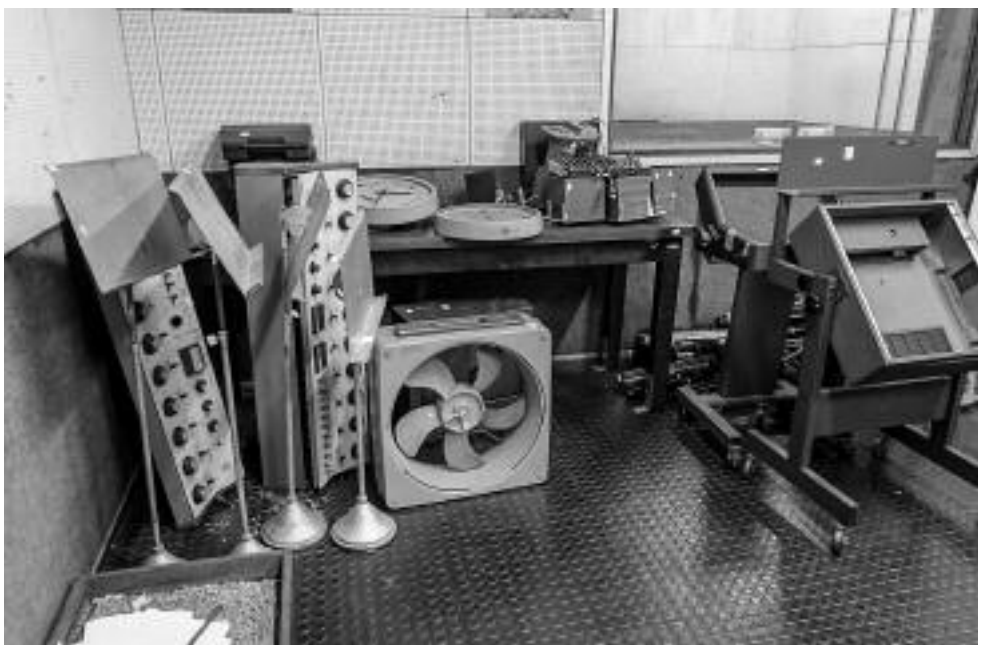
*“Amar o perdido,
deixa confundido,
esse coração.”*

CONSTRUÍDO em 1948, o estúdio sinfônico é o lugar mais nobre da emissora (veja diagrama ao lado). Nenhum outro estúdio contribuiu tanto e tão decisivamente para o desenvolvimento da nossa música de concerto. Durante a segunda metade do século passado, os nossos grandes maestros, compositores e instrumentistas ali participaram das gravações que deram origem ao importantíssimo acervo musical da emissora. A partir de 1982, a Orquestra Sinfônica Nacional (OSN criada em 1961, por JK). foi para a UFF – universidade que, ironicamente, não tem curso de música. Os Amigos Ouvintes sempre reivindicaram a volta da orquestra, e consideram que, enquanto houver o estúdio, haverá, sempre, a possibilidade da OSN ou outra orquestra voltar. Seu fechamento igualará a Rádio MEC a todas as outras emissoras que reproduzem música, mas não a produzem. E significará também o fim do grandioso projeto rádio-sinfônico que tornou possível a existência do magnífico acervo da rádio – mais sobre o Acervo na página 15.



O que os ouvintes não veem...

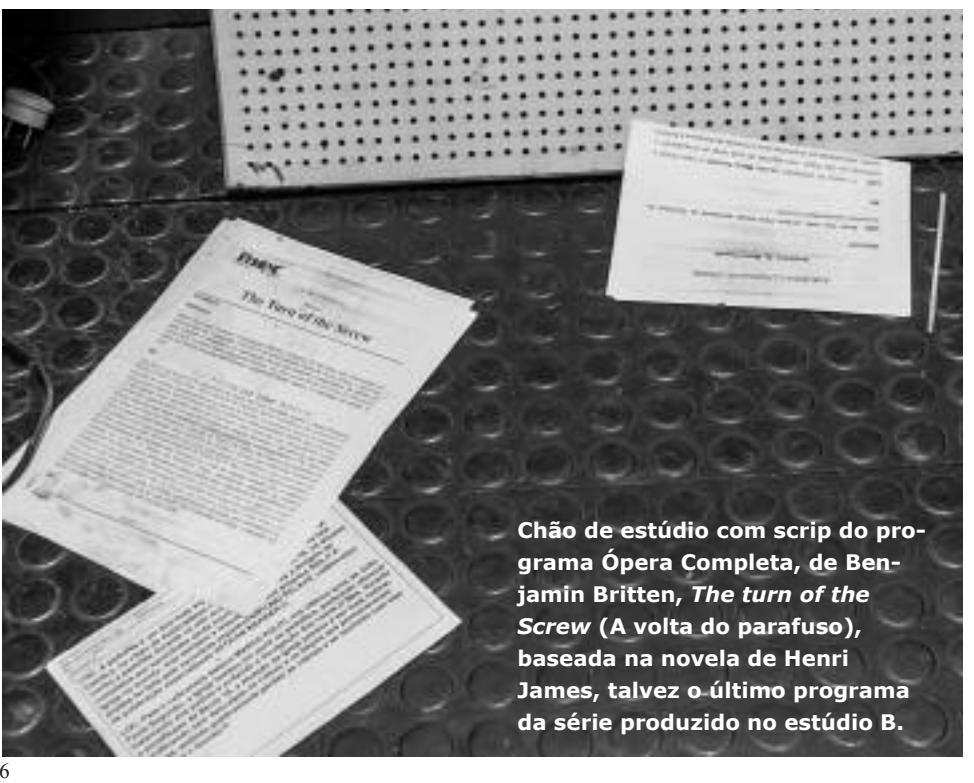
“Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.”



NO ALTO, À ESQUERDA – o corredor dos grandes estúdios com equipamento empilhado em 1ºplano: um Revox PR99; um AKAI 4000-DS e o topo de uma pilha contendo um K7 Nakamishi, um CD-player Gradiente, e um DAT Otari.

ALTO, DIREITA: o estúdio B, com equipamentos diversos, como uma pilha com dois amplificadores Quasar, Cd players, e caixas de Phanton Power da Revox Neumann, intercomunicadores e pré-amplicadores de toca-discos – que boa alma inventariará este quebra-cabeça?

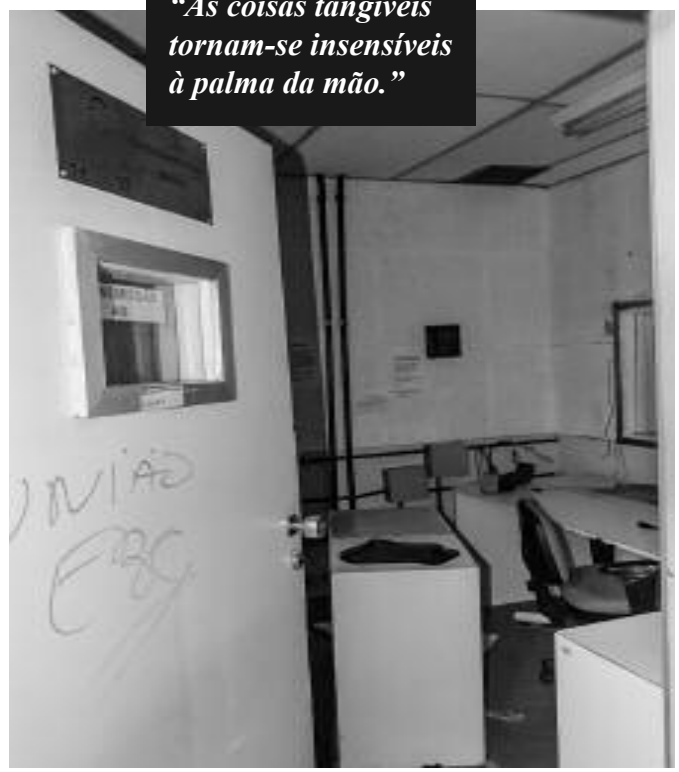
ACIMA – Estudio A ‘Floriano Faissal’, ex-estúdio de Radioteatro, que também virou depósito. A foto sugere uma natureza morta de racks dos gravadores Revox e rack do controle remoto da Otari MTX80 analógico de 24 canais do estúdio sinfônico; dois relógios de parede em decúbito dorsal lembrando Dali; duas mesas Scala e, na esquerda baixa, a caixa de brita, que muitos hoje pensam ser lixeira ou escarradeira, mas é o último remanescente do equipamento do derradeiro contraregra que por ali passou, o Edmo do Vale.



Chão de estúdio com scrip do programa Ópera Completa, de Benjamin Britten, *The turn of the Screw* (A volta do parafuso), baseada na novela de Henri James, talvez o último programa da série produzido no estúdio B.

...o coração não sente

"As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão."



ALTO, A PARTIR DA ESQUERDA – os salões de produção da MEC FM e do Jornalismo, conforme placa sinalizadora (doada pela Soarmec).

ACIMA, A PARTIR DA ESQUERDA – o movimentado corredor do 5º andar, onde funcionavam as cabines de montagem, de locução e transmissão AM e FM; uma das cabines desse corredor (a placa, na porta, homenageia o técnico Roberto Monteiro); e a porta fechada da sala da Pesquisa (cujo vidro foi doado pela Soarmec).

AO LADO – o estúdio de remasterização, cuja aparelhagem foi doada pela Soarmec, e que parece já ter sido canibalizado – para suprir algum estúdio no novo e, esperamos, provisório endereço?

"Mas as coisas findas muito mais que lindas essas ficarão."

CDA

NO ALTO, a bandeira do portal do 3º andar, com a sigla do Ministério da Educação e Saúde (do tempo em que as siglas eram pontuadas), último vestígio da passagem da emissora por aquele órgão, criado em 1937, e que tornou-se Ministério da Educação e Cultura, em 1953. É a origem da sigla MEC – nos ultimos tempos edulcorada como sendo Música, Educação e Cultura. No MEC, o setor ao qual a rádio pertencia era o SRE, também estampado em jato-de-areia, no vidro. A relíquia tem pelo menos 60 anos de idade, e é apenas uma entre várias outras.

NO MEIO, o auditório Paulo Tapajós, já sem o piano Yamaha (que foi para o prédio da antiga TVE). A imagem fica ainda mais forte para quem conhece aquela peça do Ionesco, *As cadeiras*. Repare como, tal um filme *noir*, a capa do piano, emborcada ao lado da cadeira, sugere um corpo – um locutor que morreu de tristeza? Ao lado, detalhe de poltronas mofadas e chão carcomido do auditório Paulo Tapajós.

ACIMA, sala onde a técnica guardava seus objetos pessoais; e um flagrante do Estúdio B, com aparelhagem empilhada e 3 toca-discos esperando sentados.

O Ouvinte Permanente

E passamos a apresentar ...

Carlos Acselrad

O ouvinte está entre o portão e a praça, e apenas olha, Ali, de pé, parece esperar algo. Olha, mas parece não ver o edifício baixo, mais acuado que recuado, mais descorado que cinzento. Parece não ver, apenas ouvir aquelas expressões radiofônicas que pontuavam seus voos diurnos ou noturnos atrás de educação e cultura. Mesmo o que não se ouvia pela radio MEC, ali se abrigava: um Instituto Nacional de Cinema Educativo, o que conferia ao lugar certo *status* de reserva da cultura nacional. Ali se abrigava uma orquestra sinfônica, um coral, um quarteto de cordas, baluartes da transmissão e gravação da música clássica brasileira. Dali brotavam vozes do primeiro escalão do nosso teatro interpretando crônicas escritas pela vanguarda da nossa literatura; ali se ouvia jazz ilustrado por informação, informação ilustrada por música.. O ouvinte recua no tempo e tem a sensação, de novo, de estar ouvindo pela primeira vez, adolescente, orquestras sinfônicas, pianistas famosos, trios, quartetos... obras históricas, obras monumentais, obras revolucionárias... Obras. Difícil para o ouvinte imaginar que todas as obras que povoaram seus sentidos, seus pensamentos, sua curiosidade pelo universo da criação musical, pelos seres que o povoavam fosse com sons ou palavras... era aqui que nasciam?

O ouvinte, de pé entre o edifício e a praça, não pode esconder a decepção. A origem do seu mundo sonoro, acumulado em dezenas de anos e revivido a cada etapa importante da vida – tudo mera fantasia. Não havia as tais ondas anunciadas por vozes mágicas, nem nelas flutuavam vagas fisionomias amistosas acenando para o ouvinte do fundo dos séculos, mas transmitiam sua obra através de uma fina poeira líquida e luminosa... O edifício é baixo e cinzento, parece a pique de sofrer algum trauma. As obras ressoam no ouvido, mas os olhos veem algo bem diferente – talvez uma quase-obra. Consegue infiltrar-se portão adentro, perambulando por escadas que não sobem propriamente para lugar algum, o estúdio sinfônico onde chegou a tocar um dia, agora ecoando cavernosamente sons desconexos, pianos envolvidos em lonas como prontos para o brechó...

O ouvinte é do tempo do radinho de pilha. De volta à fachada – e para sua surpresa – sintoniza a rádio. Tudo como dantes: a FM transmite – parece que incontavelmente no tempo – repetição de séries de entrevistas com músicos do clássico brasileiro; na AM uma voz feminina tartamudeia tentando apresentar ao vivo algum artista do samba em entonação de celebridade, na verdade bisonho cantor aplaudido por melancólicos três ou quatro parentes.

Como sempre afastado das decisões nacionais, o ouvinte está perplexo, perdido entre suas memórias reais e fantásticas, entre obras e obra, seus empresários e seu destino, entre o edifício e a praça, a Praça que – como a rádio é Ministério – é da República.

O radinho no bolso é pequeno e não parece reconhecer sua desimportância, mas o ouvinte é forçado a reconhecer-lhe certa teimosia, certa persistência, uma certa fibra, pois sua voz, débil mas carregada de certa ironia, continua "...e passamos a apresentar...".

O Ouvinte Permanente também ouve a Cultura

Enquanto a MEC FM (*30 anos – a rádio de música clássica do Brasil*), suposto ícone da cultura nacional não sabe mais onde mora, repete no ar material gravado há 40 anos e demite pessoal capacitado ... a Rádio Cultura de SP (Fundação Padre Anchieta) está – conforme a metáfora militar – "bombando". Acaba de encerrar *Ideias musicais*, série de 13 programas produzidos por críticos, acadêmicos e músicos da vanguarda do país; mantém no acervo de gravações e transmissões diretas do exterior um repertório original e sempre atualizado. Não se limita à música, investigando onde ela se entrelaça com literatura, teatro e cinema. A restrição do acesso à internet torna a Rádio MEC insubstituível pela Cultura de SP, mas – parece – a empresa federal competente tem mais o que fazer. Favor não chatear que o Conselho Curador está em reunião e não pode atender no momento.

Carta de despedida
Orlando Guilhon

Há cerca de 10 anos, iniciei minha trajetória como gestor de nossas históricas rádios públicas, inicialmente na ACERP, e posteriormente na EBC. (...) Olhando para trás, lembrando desta trajetória, me pergunto se terá valido a pena. E a resposta é clara e firme: sim, valeu muito a pena.

(...) Mais de 20 projetos de novos conteúdos e programas foram agregados às nossas emissoras, nos últimos 04 anos, fruto de contratos e convênios com a produção independente, e outros 04 novos projetos estão a caminho, trazendo mais qualidade e diversidade para nossos ouvintes. (...) Muitos outros novos programas e conteúdos foram criados, durante estes anos, com o esforço da 'prata da casa'. (...)

Os grandes Núcleos de Produção foram criados, e estão a pleno vapor. O Núcleo de Jornalismo vem melhorando sua performance a cada ano, com várias coberturas especiais (...), sempre com o foco no cidadão e no interesse público.

Nosso Núcleo de Esportes (...) tem dado um verdadeiro 'show de bola', em coberturas (...) demonstrando estar preparado para a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Nosso Núcleo de Produção Infanto-Juvenil permitiu resgatar conteúdos radiofônicos voltados para jovens, adolescentes e crianças, com o foco na formação de novas plateias de ouvintes, sempre com um olhar educativo e cultural. (...) Por fim, o Núcleo de Radiodramaturgia, parceria com a SOARMEC (...) – **ver *Ressalvas necessárias*, na pg seguinte.**

(...) Nossa 2ª ação estratégica sempre visou uma gestão que fosse coletiva, democrática, transparente e participativa, (...). Exaustivas reuniões coletivas de nossa equipe de gestão, reuniões periódicas com os funcionários e profissionais (...) constantes reuniões com outras áreas e mídias da empresa, 03 séries sucessivas de colóquios de parcerias e ouvintes (***ver carta Edino, página 4***), que permitiram ouvir críticas e sugestões de centenas de entidades da sociedade civil (...), a consolidação das nossas Centrais de Atendimento aos Ouvintes e sua maior integração com a Ouvidoria, uma participação ativa no Planejamento Estratégico, nos dão a certeza de que nossa gestão deixou uma marca de transparência e democracia.

(...)organizamos vários eventos comemorativos, que ajudaram a dar maior visibilidade às nossas emissoras. (...) na área de Acervos e Memória, deixamos nossa marca em três iniciativas importantes: o Termo de Cooperação entre a EBC e o MIS, voltado para a integralização dos acervos digitalizados dos acetatos da Rádio Nacional, o projeto em parceria com a SOARMEC e ACERP, de catalogação e higienização dos acervos da Rádio MEC (...) – **ver *Ressalvas necessárias*.**

(...) Lutamos até onde foi possível para minimizar os problemas de infraestrutura nas instalações na Rádio Nacional, e da Rádio MEC, mas quando a realidade se impôs, coordenamos em tempo recorde nossa mudança para as instalações provisórias do prédio da TV Brasil, na Rua Gomes Freire, mesmo em condições difíceis e não ideais (...) Está em fase de contratação (Rádio Nacional), e de licitação (Rádio MEC), os processos para elaboração de projetos definitivos das obras de modernização das instalações de nossas emissoras, com rubricas garantidas ainda no Orçamento de 2013.

(continua na pag ao lado)

Perto de Roquette, Fernando Henrique Cardoso é pinto...
... mas foi seu governo que desrespeitou o legado do grande pioneiro e arrancou ilegalmente a Rádio MEC do Ministério da Educação.

A Rádio MEC foi abalroada

A Rádio MEC foi abalroada pela poderosa EBC e, com o choque, dezenas de seus profissionais foram expelidos do veículo. E o pior é que a motorista não tem culpa. A Rádio é que foi colocada na contra-mão, por causa de uma barbeiragem do governo FHC, que avançou o sinal, em 1998, dando origem à absurda situação de hoje: uma emissora educativa-cultural estacionada em ponto-morto no acostamento do proselitismo oficial – a SECOM.

Com toda razão, logo que sentou ao volante – ao assumir a 2ª presidência da EBC, subordinada à SECON –, o sr. Nelson Breve estranhou a existência de uma velha rádio ocupando uma vaga inteirinha em seu pátio de veículos. E ficou mais intrigado ainda com a existência de uma ONG dentro dentro da velha rádio, ou seja, dentro da própria SECON, pedindo explicações e atrapalhando o trânsito: uma sociedade de amigos que, ainda por cima, discorda do padrão EBC de conserto de rádios de concerto.

De qualquer forma, é claro que, a despeito da SOARMEC e da comunidade musical, a Rádio MEC, por ser politicamente inútil, será consertada e adaptada até, quem sabe?, poder ter alguma serventia. E os bravos mecânicos e lanterneiros encarregados do desmonte, já em curso, estão apenas cumprindo ordens.

A verticalidade dessas ordens é que causa espécie. Dá para sentir, mesmo nós, da SOARMEC, que a emissora está sob outro tipo de comando, ou pior, de mando, e que a mão pesada do antigo DIP, apesar da dieta democrática, não perdeu muitas calorias. E dá para sentir, no ar, um autoritarismo do mesmo quilate que o dos militares – só que o tanque deles não passou por cima da emissora, enquanto que o FENEMÊ da EBC deu uma perigosa fechada na rádio e bateu de frente, com risco de perda total.

Apêndice do núcleo duro do poder, não é à toa que a Secretaria de Comunicação é a menos civil das secretarias do governo. Seus dirigentes são pessoas muito importantes, que cumprem ordens de pessoas muito importantes e que não acham importante escutar mais ninguém.

São executivos acostumados a resolver as coisas 'por cima' – mesmo que o buraco seja mais embaixo, como é o caso da Rádio MEC.

Na verdade, se a SECOM de fato acha que Rádio MEC serve à elite, então deveria concordar que ela também serve, por via de consequência, à própria SECON, secretaria que faz parte da elite do poder. Seus choferes são lídimos representantes da nossa tradicional e retrógrada concentração de poderes, cuja epítome, no país, começa com B e acaba em RASÍLIA – que também é nome de carro, para continuar com os trocadilhos automobilisticos. Mas, repetimos, com relação à Rádio MEC, a EBC está totalmente certa.

A única solução para o problema já foi oferecida, por carta, há quase um ano, por Edino Krieger (na página 3), mas, como escrevi acima, eles não escutam. O que é péssimo para quem tem que lidar com coisas como radiofonia, não é mesmo? (*Renato Rocha)*

Sobre o Acervo da Rádio

Todos os governos, a partir do de Fernando Henrique Cardoso, devem ser responsabilizados por qualquer dano que ocorra ao acervo da Rádio MEC: o bem mais valioso da emissora. Resultado da ação ou inação do ministro da Educação, Paulo Renato, a Rádio MEC saiu de modo totalmente irregular do Ministério da Educação e foi para a Secretaria de Comunicação do Governo. Em lugar de ser absorvida pela Secon, no entanto, a Fundação Roquette-Pinto foi extinta e, para substituí-la, foi criada, da noite pro dia, a ACERP – hoje moribunda –, que, mesmo sem experiência anterior em comunicação educativa e cultural, passou a ser responsável, entre outras coisas, pelo importantíssimo acervo de gravações da Rádio. Mas, para variar, da mesma forma que a extinção da FRP ocorreu sem que tivesse havido a consulta e o pronunciamento da Curadoria das Fundações; também, com relação ao acervo da ráidio, não foi cumprida a exigência legal de submeter ao Arquivo Nacional o inventário integral dos seus ítens, os quais estavam sob a responsabilidade da FRP, extinta, ou seja, o Arquivo, oficialmente, não tem conhecimento do tesouro que está trancado no prédio, há mais de seis meses, e sem climatização, no 2º andar da Rádio MEC.

A perda do endereço profissional

À esquerda, as novas e improvisadas instalações das Rádios MEC e, à direita, o busto de Roquette encostado num cantinho de divisórias.

Os profissionais da Rádio MEC estão abalados. Por questões de segurança no trabalho tiveram que mudar de endereço, mas passaram a conviver com uma nova modalidade de insegurança – aquela que a provisoriedade e a instabilidade costumam provocar

O local de trabalho influi muito nos resultados do produto, e, no momento, os profissionais da MEC, numa queda vertiginosa de qualidade de vida profissional, estão dividindo com os da Rádio Nacional (também em obras) um ambiente improvisado (foto acima). Um ambiente, note-se, muito mais indicado para redações jornalísticas do que para centros de produção radiofônica, pois, simplesmente, falta... silêncio – e é em cima do silêncio que o rádio se faz, não é mesmo?

Mas tudo fica mais cinza, porque, após o tsunami da mudança de endereço, veio um furação de demissões, por conta da perversa e também rigorosa extinção da ACERP – um pau que nasceu torto no governo de FHC, mas que, bem ou mal, permitiu a contratação de profissionais que aprenderam o ofício e carregaram a programação nas costas por muitos anos. Ou seja, além da emissora estar sem teto, está ficando sem mão-de-obra, pois estão tirando o chão de radialistas que conhecem e sabem como se 'faz' um tipo de rádio que só a MEC faz! Por conta disso, seus colegas compartilham o drama por eles vivido e são testemunhas da contagem regressiva em curso, monitorando as últimas semanas de trabalho de dezenas de profissionais exemplares. Em reconhecimento, serão todos substituídos por concursados neófitos em rádio educativo-cultural.

Os valorosos da ACERP

Para dar ideia do trabalho realizado por alguns profissionais acerpianos, basta citar os três dias críticos em que o prédio teve de ser evacuado – fato que poderia ter tirado a AM e a FM do ar. Para cumprir a ordem do Ministério Público, e, ao mesmo tempo, continuar transmitindo nas duas frequências, foi preciso desmontar os estúdios de transmissão e instalá-los na antiga sede da extinta TVE; e foi preciso também fazer o mesmo com os estúdios de gravação; e também improvisar uma infraestrutura operacional mínima, para acomodar as dezenas de profissionais atordoados com a mudança.

E tudo foi feito a contento, num verdadeiro milagre técnico, permitindo que a FM e a AM não saíssem do ar – e que os ouvintes, a maioria deles, não desconfiassem, nem de longe, de que a rádio está como está. Toda a direção merece ser parabenizada, bem como os programadores que continuam alimentando a grade e fazendo, ainda, a diferença no Dial. Mas a aclamação maior deve ir para a equipe técnica – meia dúzia de contratados da ACERP que, apesar de todas as dificuldades, conseguiram fazer com que, pelos ouvidos, os ouvintes não percebessem nada do drama que está em curso. Uma salva de palmas para o Alcimar, o Kid e um punhado de profissionais em vias de serem descartados pela EBC, mas que são absolutamente raros e deram uma lição de competência e sacrifício – sobre as demissões, veja *Alto-falante* e *A arte de Laerte,* nas páginas 2 e 15.

Carta de despedida de Cristiano Menezes

"Minhas palavras são no sentido de expressar o prazer que tive em trabalhar diretamente ligado a cada um de vocês (...) nos últimos cinco anos, fui o Gerente Regional das Rádios da EBC, no Rio. E nesse período, diante das circunstâncias específicas da empresa aqui no Rio de Janeiro, entendi que deveria focar questões estruturais, providências que devolvessem às emissoras a sua relevância e criasse condições de modo a lhes garantir a continuidade ao longo das próximas décadas.

Em função disso, sempre com o apoio do Guilhon, dediquei-me a questões como o tombamento do edifício A Noite, recentemente concretizado pelo IPHAN, e da Rádio Nacional. (...)

Desde 2008 dediquei-me intensamente à elaboração de projetos básicos e ao persistente acompanhamento de suas tramitações, de modo a possibilitar a concretização de novos conteúdos para as três emissoras do Rio (por motivo de espaço, omitimos a íntegra do trecho em que ele cita uma lista impressionante de programas realizados em sua gestão (...) estes programas se somam àqueles que proporcionam às nossas emissoras produtos com densidade de conteúdo, pluralidade de informação e de formatos.

Trabalhei intensamente, nas últimas semanas, na revisão e reestruturação de projetos que justificam a contratação de profissionais imprescindíveis às nossas atividades, dentro do que se chama de processo de reabsorção de especialistas por inexigibilidade. (...)

Outra questão que sempre entendi como fundamental, é a memória das emissoras, (...) Contando com a colaboração da Gerente Executiva de Acervo e Conhecimento, Lacy Barca, conseguimos concretizar Termo de Cooperação Técnica com a Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, (...) que permitiu, tanto à EBC quanto ao MIS, a unificação do conteúdo digitalizado dos acetatos da Rádio Nacional, o que representa a reunião de riquíssimo acervo, que cobre o abrangente período que vai do fim da década de 1930 até meados dos anos 1970.

Pois agora, em 2013 (...) assumindo novas tarefas (...). verei o rádio de um novo ângulo, dedicando-me, entre outras atividades, ao processo de criação do Museu da Rádio Nacional. (...) Vou nessa, e vou com o coração leve e o entusiasmo pelas novas tarefas, novas descobertas. Estaremos próximos, sempre fazendo rádio."

Carta de Orlando Guilhon (continuação)

"(...) Conseguimos adquirir vários novos transmissores (...) além de 02 Unidades Móveis, e vários equipamentos modernos de estúdios, já instalados em Brasília e à espera de instalação no Rio (...).

Nossa 4ª ação estratégica visava ajudar na construção da rede nacional de rádios públicas. Demos alguns importantes passos nesta direção. (...) estamos organizando a 1ª reunião da rede nacional de rádios públicas, que deverá ser realizada na sede da EBC, em Brasília.

Sempre disse que os gestores passam, as instituições ficam. Passaremos, mas deixamos a nossa marca. Isto só foi possível porque tive a meu lado uma equipe de gestão que tornou esta missão viável, equipe essa sempre pautada por seu espírito de compromisso, parceria e compartilhamento de tarefas. Faço aqui meu agradecimento, a cada um deles:(...).

Por fim, tudo o que fizemos até aqui só foi possível por causa da dedicação apaixonada de cada um de vocês, profissionais das rádios Nacional e MEC, da EBC e da ACERP, competentes e identificados com nossas emissoras históricas. (...) Sim, nem tudo foram flores, ao longo do caminho. (,,,) Estamos vivendo um ano atípico e muito delicado em nossa empresa, com mudanças no organograma de gestão, mudanças nos procedimentos internos, mudanças nas instalações físicas (nas rádios do Rio), muitas incertezas e dúvidas quanto ao futuro de nossas emissoras, mudanças na composição das equipes, com a chegada de novos profissionais concursados da EBC, e a saída de antigos e competente profissionais da ACERP, profissionais que durante décadas ajudaram a escrever algumas das páginas mais dignas de nossas emissoras, situação que sempre nos deixou de coração apertado, e nos levou ao exercício árduo de formatar projetos de possíveis contratações futuras de alguns desses profissionais como produções indepen- dentes ou especialistas. Apesar de tudo isto, me mantive firme e sereno, certo do dever cumprido. (...) A convite do Presidente Nelson Breve, passo a assumir tarefas em sua assessoria, com o foco na construção da rede nacional de rádios públicas. (...) Estarei logo ali, trabalhando com novos desafios, mas com um olhar sempre carinhoso com nossas rádios e com todos vocês."

Comentários pontuais às cartas acima

Como as cartas são longas, porque proporcionais às realizações dos dois, tivemos que editá-las. A íntegra delas está em www.soarmec.com.br. Três trechos, no entanto, que citam a SOARMEC, merecem ser comentados

I) **Sobre o Acervo da Rádio**

Guilhon cita, entre as realizações na área da memória: *"...o projeto em parceria com a Soarmec e a ACERP, de higienização e catalogação dos acervos da Rádio"*

Comentário: A SOARMEC foi a proponente deste projeto, administrou seus recursos e prestou contas ao BNDES. Está tudo certo, exceto o fato de que o Catálogo do acervo não foi realizado. O fato é que a pessoa da ACERP que gerenciou o processo, talvez em função da perspectiva de demissão, acabou saindo sem realizar o bendito catálogo. Isto significa que qualquer outra tentativa de parceria com o BNDES, vai esbarrar nesta não-realização. E, como despediram a pessoa que melhor conhecia este que é o maior acervo radiofônico do país, quem vier, agora, vai ter que começar de zero.

II)**Sobre Núcleo de Radiodramaturgia** – ambos tocam no assunto, transcrevemos o que escreveu Cristiano:

" Aí está o Núcleo de Radiodramaturgia, que após longa e sofrida tramitação burocrática, finalmente voltará a funcionar, com novo convênio, cuja vigência se iniciará no próximo dia dois de setembro."

Comentário: Como pode demorar tanto tempo a retomada de um projeto cultural de alta e comprovada pertinência? Após a longa (dois anos!) e sofrida tramitação burocrática, referida nas duas cartas – que incluiu um empenho abortado, uma retirada do projeto do orçamento, e várias exigências absurdas, o projeto continua em banho-marria. O que se deduz é que, definitivamente, radioteatro não é uma coisa importante para a EBC. E a pergunta que fica no ar é: Se, para concretizar um projeto de 300 mil reais como era o caso do Núcleo de Radiodramaturgia, dois anos não bastam; quanto tempo vai demorar a reforma do prédio da Rádio, que é muito mais cara e complicada?

III) **Sobre a obra de reforma do prédio**

A) As três possibilidades:

1) Por ser arquitetonicamente inexpressivo, o prédio será demolido para permitir uma visão mais limpa dos prédios da Faculdade de Direito e do Arquivo Nacional.

2) O prédio sofrerá uma reforma radical, externa e internamente, o que equivale a uma demolição, pois ficará descaracterizado.

3) Será feita uma reforma mantendo as características internas do estúdio sinfônico, dos portais de entrada dos corredores e ampliação do auditório.

B) Os antecedentes da interdição

É sabico que, antes de subir no telhado, a Rádio estava funcionando em ponto morto, sem autonomia para fazer qualquer tipo de despesa, nem mesmo para reformas pontuais – existem reiteradas e documentadas solicitações de obras nos últimos anos, que, tivessem sido feitas, teriam provavelmente evitado a interdição.

Em nosso último número, além de reconhecer que o prédio precisava de uma boa reforma, colocamos o assunto na berlinda e questionamos as obras seguidamente programadas e desprogramadas pela EBC – que, para fazê-las, observe-se, também pretendia esvaziar totalmente a emissora. E o curioso é que, entre os envolvidos com o dia-a-dia da rádio, foram principalmente os funcionários que trabalhavam na administração do prédio, ou seja, os que melhor conheciam as condições de conservação do lugar, que ficaram chocados com a interdição,

Perto de Roquette, Luiz Inácio da Silva é pinto...

...mas foi em seu governo que a ilegalidade cometida contra a Rádio MEC foi convalidada e a TVE (outra sacação de RP) foi extinta, tendo o Rio perdido seu canal de televisão.

O passeio de Roquette

Entre as fotografias que os Amigos Ouvintes garimparam ao longo de 20 anos, a de Roquette-Pinto, durante a Missão Rondon, jovem e paternal com os indiozinhos, é uma das mais importantes de toda a iconografia do papa do rádio brasileiro. Com dimensões proporcionais à sua importância, ele é o maior das dezenas de pôsteres que a SOARMEC produziu para decorar e, principalmente, trazer à tona a história profunda da emissora. No dia da mudança (acima, à esquerda e no centro), pela dificuldade de acondicioná-la no caminhão, preferimos eu e o JCMello, cruzar o Campo de Santana – fazendo um percurso que ele próprio, Roquette, tantas vezes fez, em vida – até o Museu do Rádio, onde hoje (à direita) a foto está pendurada.

Dois tempos no museu: à esquerda, Saroldi, Norma Tapajós, Guilhon, Chico, Walterland Pimentel, pai do autor; Antonio S. Azevedo e o colecionador Otto Alexandre de Castro, no lançamento do livro *O rádio Educativo no Brasil*; e, à direita, a nova sala da SOARMEC, em 2013, com as colaboradoras Renata Mello e Gisèle Pimentel

A parceria dos Amigos Ouvintes com o Museu do Rádio começou oficialmente em setembro de 2006, quando a Soarmec lançou a primeira edição do livro **O RÁDIO EDUCATIVO NO BRASIL**, de **Fábio Pimentel**. De lá para cá, as duas entidades sempre mantiveram relações cordiais, temperadas pela estimulante possibilidade de novas e sinérgicas parcerias. E eis que, nos idos de março, de repente, não mais que de repente, o prédio da Rádio MEC foi interditado e os Amigos Ouvintes ficaram sem chão e sem teto – e estariam no olho da rua, não fosse a providencial acolhida por parte do Museu do Rádio. As coisas seriam muito mais difíceis se não contássemos com o apoio de primeira hora do Museu, na pessoa de sua executiva, Eugenia de Castro. Por ela, pelo diretor... e por toda a equipe do museu, decidimos registrar nosso agradecimento, aqui, em letras garrafais:

OBRIGADO

PELA IMEDIATA E PROVIDENCIAL ACOLHIDA, A SOCIEDADE DOS AMIGOS OUVINTES AGRADECE AO MUSEU DO RÁDIO E PEDE PASSAGEM PARA O FUTURO DO RÁDIO EDUCATIVO CULTURAL BRASILEIRO.

O Museu do Rádio

Ocupando uma área de 950 metros quadrados, num prédio histórico bem no corredor cultural da cidade – Rua da Constituição , 78 –, o Museu do Rádio Roberto Marinho é fruto do sonho e empenho de Augusto José Ariston (foto abaixo). Inaugurado em março de 2004, o Museu mantém uma exposição permanente de peças raras, e tem por objetivo preservar, estudar e expor objetos radiofônicos de interesse duradouro.

As obras para adequar o espaço duraram dois anos. Na parte da frente, a laje entre os andares foi eliminada, permitindo a entrada de luz natural pela clarabóia e um pé direito de 10 metros. A parte de trás foi reformada, dando origem ao auditório e a três amplas salas. Duas delas, no 2º andar, são ocupadas pelo escritório local da AERJ – Associação das Emissoras de Rádio e TV do Estado do Rio de Janeiro, mantenedora do Museu.

O museu também produz e acolhe eventos, principalmente shows gratuitos e exposições temporárias, tendo realizado várias apresentações, como as de Altamiro Carrilho e as das cantoras Ellen de Lima, Carminha Mascarenhas, Violeta Cavalcanti e Carmélia Alves, dirigidas por Ricardo Cravo Albin.

Exposições temáticas, como a produzida pelo fã-clube de Emilinha Borba, também superlotaram o lugar.

AugustoAriston, fundador do museu, e D. Lily Marinho, no dia da inauguração

Hilton Alexandre Alves da Silva, presidente da AERJ

Reginaldo Barbosa Valentin, auxiliar-administrativo; Tainá Pacheco, secretária; Sebastião Sobrinho, diretor técnico; Eugenia Castilho, secretária executiva

Visite o Museu do Rádio. Contribua para enriquecer o seu acervo.
(Rua da Constituição 78 / secretaria@aerj.com.br / 21-22326172)

Obituários

Alceo Ariosto Bocchino (30-11-1918 / 07-04-2013)

Nascido no Paraná, interessou-se desde cedo pela música. Camargo Guarnieri, Villa-Lobos e Francisco Mignone foram seus principais professores. Viveu no Rio de Ja-neiro, desde 1946, onde se consagrou como músico, maestro, compositor e pianista. Foi um dos dois principais colaboradores musicais de Villa-Lobos, juntamente com Vieira Brandão. Como educador foi fundador e professor titular da Escola de Música e Belas Artes do Paraná; e professor de composição e regência da Escola de Música Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.

Bocchino teve destacada atuação radiofônica, na década de 1950, tendo trabalhado na rádio Mayrink Veiga, onde escreveu arranjos para Carlos Galhardo, Orlando Silva, Sílvio Caldas e Nelson Gonçalves. Em 1956, na Rádio Nacional, orquestrou e diri-giu, com Paulo Tapajós, o programa *Quando os maestros se encontram*. Entre as presenças marcantes, figuravam Radamés Gnatalli, Léo Peracchi e o novato, Tom obim.

Foi funcionário da Rádio MEC, como sua esposa, Ida, programadora, e sua filha, Gulnara, que dirigiu a MEC FM, nos anos 1990. Foi um dos fundadores da orquestra da Rádio MEC, atualmente Orquestra Sinfônica Nacional (OSN-UFF), da qual foi regente titular por treze anos. Foi assistente do maestro Eleazar de Carvalho na OSB e presidente da Comissão Artística, regendo a orquestra por quatro anos. Participou nos anos 1960 e 70 de diversos cursos no exterior, onde regeu concertos com a Orquestra Sinfônica de Bilbao (Espanha) e a Orquestra Filarmônica de Burgás (Bulgária). Foi também criador e regente titular, posteriormente regente emérito, da Orquestra Sinfônica do Paraná, no ano de 1985.

Em 1974, viajou pela Europa com a OSB, realizando concertos com grande sucesso de público e crítica. De volta ao Brasil, participou de diversas apresentações com orquestras brasileiras. Em 1981, representou o Brasil na Universidade de Maryland, como regente do concerto inaugural *Stravaganza Musicale*, tendo como solistas vinte pianistas, no 11º Festival e Concurso de Piano. Em 1985, tornou-se o fundador e maestro titular da Orquestra Sinfônica do Paraná, cargo que ocupou por diversos anos e atualmente era seu maestro Emérito. Foi ocupante da cadeira Nº 37 da Academia Brasileira de Música.

Luiz Paulo Horta (14-08-1943 / 03-08-2013)

Jornalista, musicista, teólogo e acadêmico, Luiz Paulo Horta foi o sétimo ocupante da cadeira 23 da ABL e recentemente lançou *A biblia*, um diário de leitura, pela Zahar. Trabalhou no Correio da Manhã, no Jornal do Brasil e em O Globo, onde mantinha uma coluna permanente e era especialista em música erudita. Sua mais recente análise para o jornal foi sobre a *Jornada Mundial da Juventude*, em que afirmou que o Papa se revelou um "comunicador incomparável, capaz de dizer coisas profundas na linguagem mais simples". O jornalista também fundou e dirigiu a seção de música do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e grupo de estudos bíblicos no Centro Loyola da PUC RJ. Casado com a jornalista Ana Cristina Reis, Luiz deixa três filhos, seis netos, e uma lição de leveza existencial.

"Tive o privilégio de conviver cerca de meio século com Luiz Paulo Horta. Grande estudioso de todos os campos da cultura e da vida, seu convívio era sempre enriquecedor, tanto falando sobre assuntos sérios como jogando conversa fora entre dois copos de vinho. Sua sabedoria era feita mais de dúvidas do que de certezas, mais de perguntas do que de respostas. Por isso sempre manteve a humildade dos sábios, não obstante a firmeza de suas convicções.

O amigo de sempre, Edino Krieger"

Isis de Oliveira (18-03-1922 / 07-05-2013)

Nascida em Niterói, Ivete Saveli, seu verdadeiro nome, ingressou na Rádio Nacional após vencer o Concurso de Calouros Rádio K, comandado por Celso Guimarães, pouco antes da incorporação da Rádio Nacional ao Patrimônio da União, juntamente com o jornal A Noite, em 1940, por Getúlio Vargas.

Com uma voz admirável e grande talento dramatúrgico, Isis cresceu junto com a emissora, tornando-se uma das melhores atrizes do rádio brasileiro, enquanto esta tornava-se a maior rádio da América Latina. Seu primeiro papel de destaque foi o da "mocinha Alice", na também 1ª novela de rádio brasileira, *Em busca da felicidade* – que levantou manifestações populares em favor da heroína, em repúdio ao vilão do melodrama! O grande sucesso desta novela matinal abriu espaço para novos horários aos folhetins radiofônicos, incluindo a atração principal das 21hs. Isis foi a protagonista da novela "O direito de nascer", que tornou - se um clássico do folhetim brasileiro. Inicia-se alí a parceria romântica com Paulo Gracindo, que rendeu grandes sucessos para a Rádio Nacional. Em sua caminhada, Isis engajou-se na luta pelos direitos de seus pares tendo sido uma das fundadoras e militantes do SINDICATO DOS JORNALISTAS, responsável pela criação do Hospital dos Radialistas, hoje Hospital de Cardiologia.

A vida artística de Isis praticamente terminou com o declínio da Rádio Nacional, a partir do golpe militar de 1964. Cabe aqui destacar sua fidelidade à Rádio Nacional. Nos anos 50, no auge do rádio brasileiro, outras grandes emissoras vinham se destacando e iam buscar os grandes astros da concorrente, oferecendo às vezes o triplo do salário. Isis, insistentemente assediada, manteve-se fiel à sua rádio.

Em 1964, a Nacional foi uma das primeiras institui-ções ocupadas pelos militares. Isis, uma das personalidades do "grupo subversivo", delatada por um de seus colegas, foi detida pelo DOPS (em seguida liberada por falta de provas) e demitida sumariamente.

Nunca mais Isis voltou ao prédio *A Noite* onde funcionou, a até pouco temp,. a Rádio Nacional. As poucas entrevistas que concedeu foram através de telefone.

Isis não se adaptou à televisão, como a maioria de seus colegas. Aos poucos voltou a sua origem, formou-se em Direito, casou-se duas vezes, não teve filhos e morreu numa casa, há poucos metros daquela que havia nascido, no bairro operário de Ponta d' Areia, cercada pelos sobrinhos que tanto amava.

por Nilza Saroldi

Norma Tapajós (26-09-1921/ 27-03-2013)

Esposa do compositor e radialista Paulo Tapajós, mãe de Dora, Maurício e Paulinho Tapajós, dona Norma conheceu todos os grandes radialistas e artistas da época de ouro do rádio e acompanhou de perto toda a saga da Rádio Nacional, desde os tempos dos lendários programas de auditório. Ela foi uma apoiadora de primeira-hora e uma das fundadoras da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC. Sem nunca ter participado da diretoria da SOARMEC, dona Norma foi uma associada ativa e exemplar. Era presença constante em nossos eventos – na página 12 há outra foto dela, em evento no Museu do Rádio – e, até ficar impossibilitada por problemas de locomoção, frequentava regularmente a Rádio MEC. Norma foi nossa colaboradora assídua, principalmente como consultora para questões ligadas à memória, e doou para nossos arquivos muitas das fotografias que fez dos eventos e também, mais importante, várias cópias das fotos do acervo de Paulo Tapajós, seu marido. Foi Norma quem cuidou do importante arquivo de Paulo Tapajós, tendo feito as tratativas para a sua futura ida para o Museu da Imagem e do Som, e fornecido,generosamente, como sempre, cópias de fotos e documentos importantes a muitos pesquisadores.

O preço da cultura

Artigo transcrito da Folha de SP, pensando no leitor que lerá este jornal no futuro, e lembrando que, no momento em que a rádio saía do lar, o MinC estava dando quase 10 milhões para o Rock in Rio e financiado mostras de estilistas em Paris – o que lhe valeu a alcunha de Ministério da Costura (Janio de Freitas)

Vladimir Safatle

Diante da repercussão a respeito da decisão de permitir que estilistas financiassem desfiles de moda por meio da Lei Rouanet, o Ministério da Cultura procurou se defender.

Usando um raciocínio eminentemente estratégico, em que as palavras de ordem são a importância econômica da cultura e seu papel na ampliação do poder do Brasil no jogo internacional, o MinC acabou por demonstrar a rendição final da política cultural brasileira aos argumentos do mais crasso economicismo.

Primeiro, ninguém discute que, de uma certa forma, moda é cultura, assim como telenovelas, futebol e práticas sexuais. Todos são modos de produção simbólica de valores.

Uma definição, porém, tão genérica de cultura não tem função alguma para a construção de políticas focadas de Estado. Muito menos a alegada definição de que aquilo que colabora para a internacionalização do Brasil e a divulgação de sua simbologia deve ser financiado. Pelo argumento, a TV Globo pode pedir isenção fiscal para as suas próximas telenovelas.

Como não podia deixar de ser, é no campo da cultura que se vê, de forma mais brutal, a deposição de toda e qualquer aspiração crítica e contestadora de certa esquerda brasileira. Fala-se em "quebra de paradigma", mas o Mi-nistério da Cultura apenas implementa o paradigma, cada vez mais hegemônico, de indistinção geral entre arte, entretenimento e mercadoria.

Afinal, há de chamar de "gato" um gato. Estilistas são, acima de tudo, comerciantes donos de loja que organizam sua produção a partir da sensibilidade às demandas de mercado e a exigências de máxima rentabilização de seu capital. Mas grupos de teatro não são empresas, escritores não são comerciantes e um quadro não é uma mercadoria, mesmo que tenha um preço.

As políticas culturais foram criadas exatamente para garantir autonomia para a produção artística contra sua colonização pela lógica mercantil, contra sua restrição à condição de mero entretenimento "cool", além de pensar formas de impedir a consolidação de práticas de dirigismo cultural.

Contudo, para que algo dessa natureza fosse possível, estruturas como a Lei Rouanet deveriam ser radicalmente modificadas. Um bilhão e duzentos mil reais foram perdidos pelo Estado para que empresas fizessem políticas de marketing às custas do erário, financiando, principalmente, musicais, Oktoberfest, festas gastronômicas, atividades da torcida do Palmeiras e, agora, desfiles de moda. Pergunte, no entanto, quanto desse dinheiro foi direcionado à construção de conservatórios de música, bibliotecas ou em auxílio a saraus literários na periferia.

Vladimir Safatle *é professor livre-docente do Departamento de filosofia da USP (Universidade de São Paulo).*

A arte de Laerte

Detalhe da foto de Laerte Afonso, esquecida na parede da cabine desmontada do estúdio B (descubra aonde na foto abaixo), no qual ele pontificou por duas décadas.

Uma coisa indiscutivelmente de elite, na Rádio MEC, é a sua equipe técnica. Que me perdoem os profissionais de áudio, mas a grande maioria deles é composta por meros apertadores-de-botão, pouco silenciosos e pobres de conversa. Mas experimente bater um papo com um técnico da Rádio MEC: você ficará admirado com a cultura geral dele.

Além de serem bons de externa, bons de PA, bons de transmissão ao vivo, bons de microfonação, gravação instrumental e tudo o mais, os técnicos da rádio são principalmente bons em gravação, edição e montagem. Por trabalhar nos grandes estúdios e conviver diariamente com os produtores da rádio, eles se tornaram especialistas em linguagens e gêneros radiofônicos e, muitas vezes, por sua criatividade, sensibilidade e cultura musical, atuam como co-produtores do programa – 'produtor', em rádio, vale lembrar, equivale a 'diretor', no cinema.

Pois bem, a Rádio MEC acaba de perder sua equipe de técnicos, que era a melhor da cidade. Serão substituídos por técnicos concursados e inexperientes, por ondem de Brasília, que, com certeza, acha que encontrar bons técnicos é tão fácil e casual quanto encontrar exe-cutivos para uma estatal da vida.

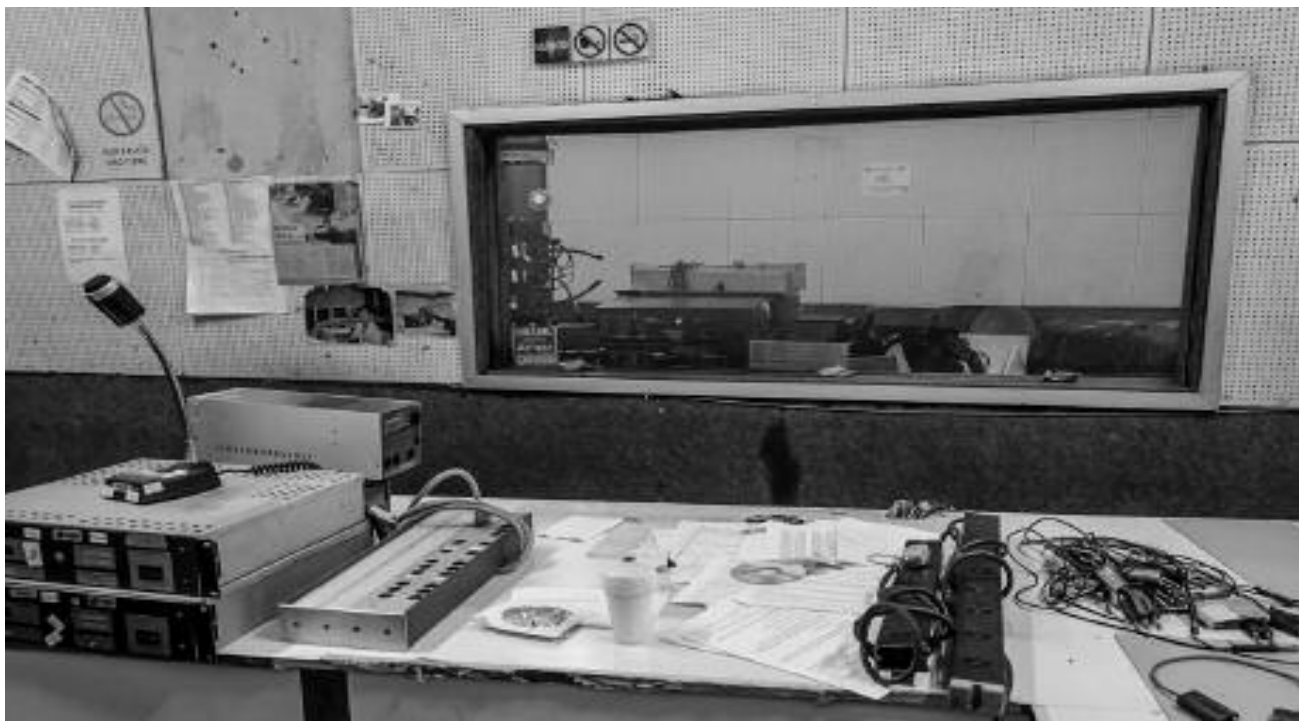
Conheci muitos técnicos da casa e muito aprendi com eles. Na excelente equipe que foi despedida, escolhi um deles, o Laerte, para dar uma idéia mais precisa do que quero dizer, e vou falar do último trabalho que fizemos juntos: a gravação e montagem de uma adaptação radiofônica para *Molloy*, uma novela de Beckett.

Tínhamos 4 horas de estúdio e, após gravar com minha voz a introdução, com Laerte operando e fazendo a direção de locução; após Pedro Paulo Rangel gravar as falas do personagem, com Laerte emprestando os ouvidos para ajudar na direção da narração; ficou faltando montar o programa. Eram quatro da tarde, e tínhamos mais duas horas, mas fui chamado inesperadamente para resolver um assunto urgente. Em vez de suspender a sessão, preferi entregar a sonoplastia ao Laerte (alguns minutos de ondas calmas, pois o personagem morava numa praia) e pedi que ele pontuasse as falas com o som do mar, da mesma maneira que nas comédias de situações as risadas pontuam: cada vez que Molloy dissesse uma coisa interessante, o mar subiria. E fui cuidar da tal urgência, dois andares abaixo. Quando voltei, já perto das 18 horas, ouvi a montagem e constatei que o programa estava pronto e irretocável.

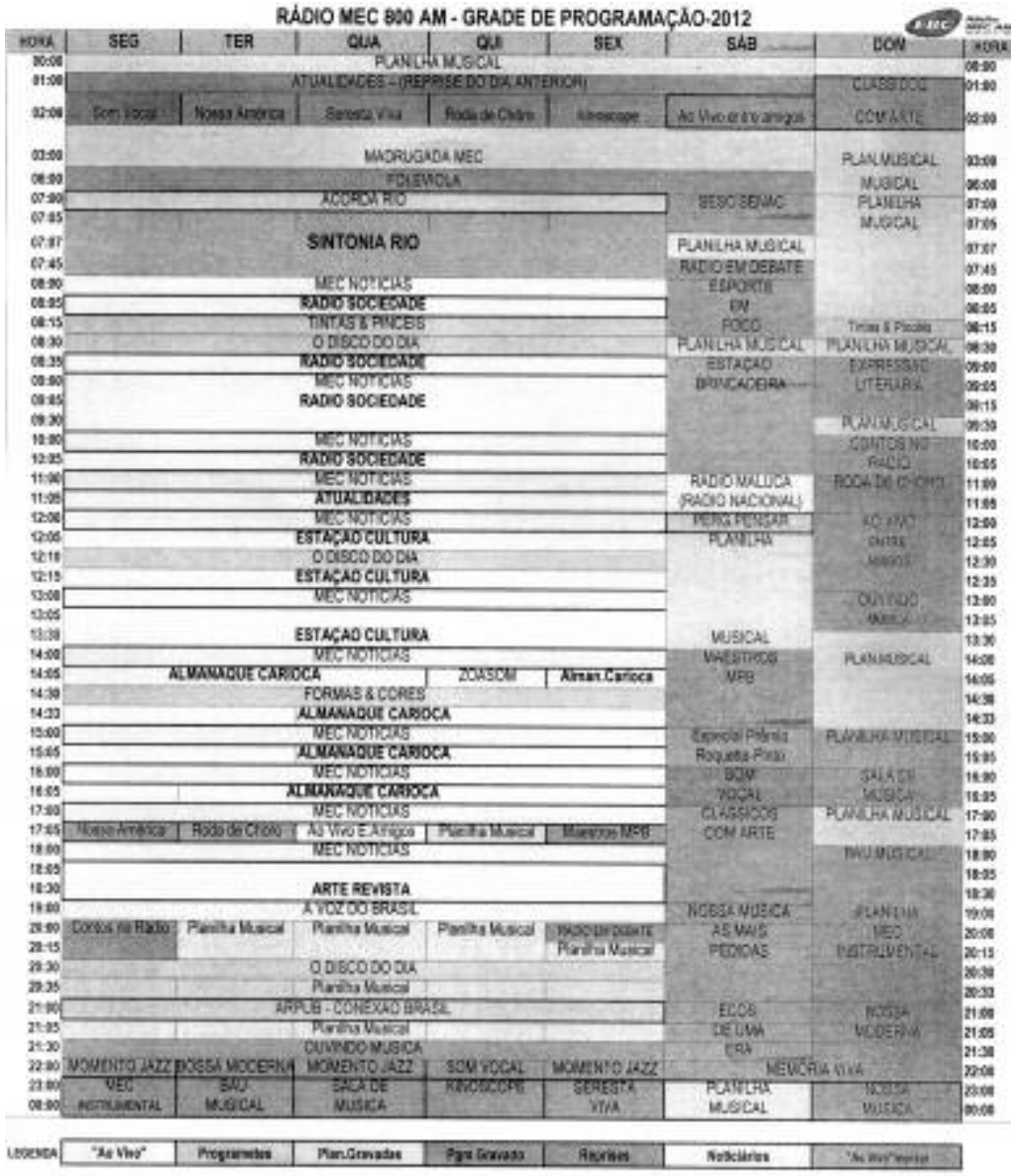
Além do trabalho junto aos produtores, existe também o fato de a Rádio MEC – que deixou de ser uma escola, da antena para fora –, nunca ter deixado de ser uma escola da antena para dentro, com os profissionais mais antigos ensinando aos mais novos. Isso, somado ao convívio com os produtores, explica o nível de excelência que a equipe técnica alcançou. No entanto, infelizmente, para esse tipo de craques, como Laerte, Enídio Souza e Gilberto, cuja experiência profissional acumulada vale ouro, a Rádio MEC acabou – veja lista de demissões na pag 2.

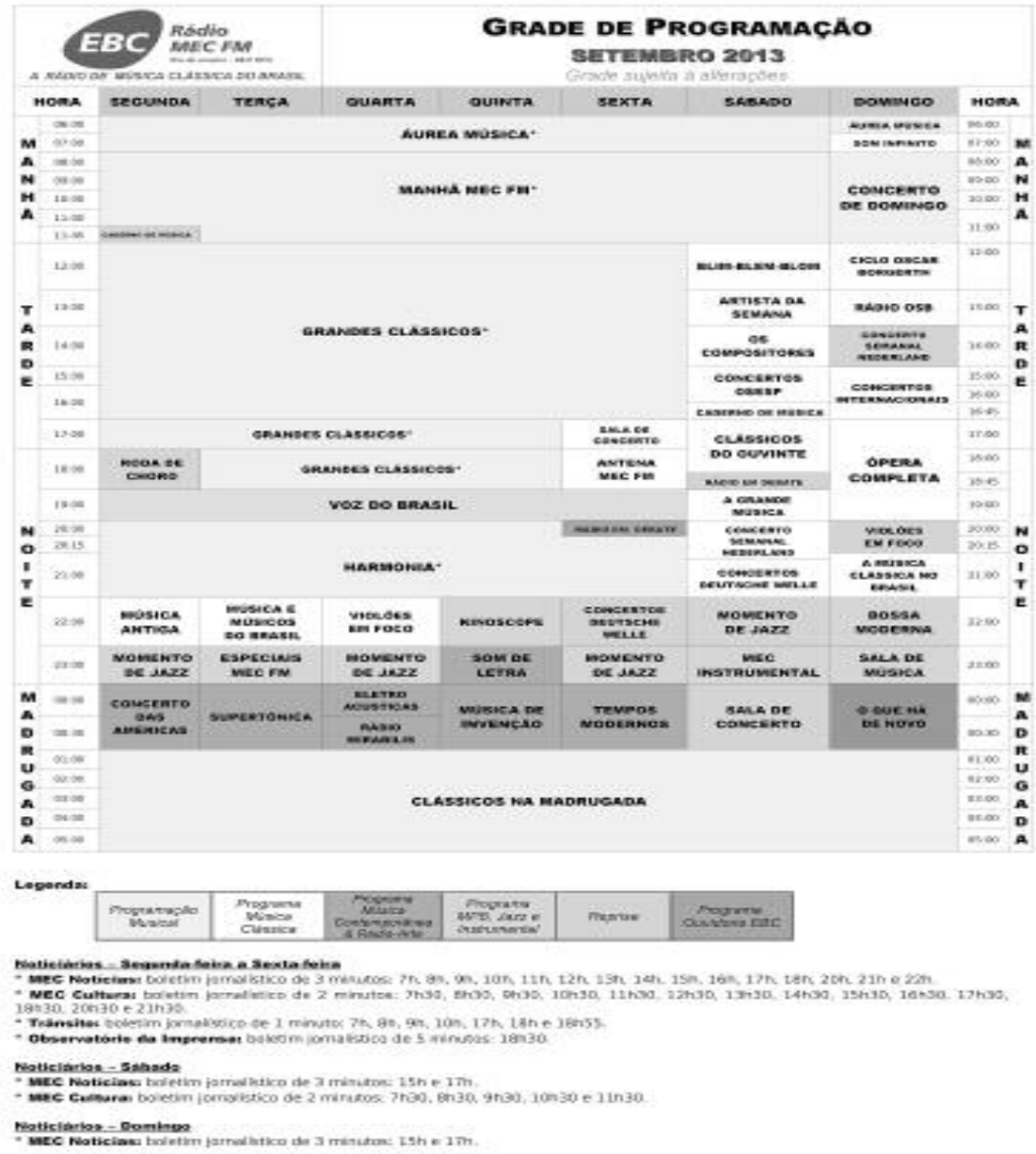
A tragédia profissional deles é que esse precioso e raro saber não tem quase serventia fora da Rádio MEC. E o triste corolário é que com a Rádio MEC acabando – e a Rádio Nacional, que também não está se sentindo muito bem –, um tipo específico de fazer radiofônico, calcado em Almirante, Paulo Roberto, Renato Murce, René Cavé, Guiarone e outros tantos inventores do formato "educativo-cultural", entrará em coma definitivo, incluindo o pobre e interrompido radioteatro brasileiro. Para mim, é extremamente simbólico que Molloy – um texto que fala do absurdo – tenha sido o último trabalho que fizemos juntos.

Renato Rocha



NO AR





LIVRARIA
Leonardo da Vinci
Livros do Mundo desde 1952
(França, Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha, Estados Unidos)
Avenida Rio Branco, 185 - Ljs. 203/4/5
Edifício Marquês do Herval
CEP 20045-900 - Rio de Janeiro - RJ
www.leonardodavinci.com.br
info@leonardodavinci.com.br
Aberto das 9 às 19 horas
(Sábados até às 12 horas)
Tels.: 55(21) 2533-2237
Fax: 55(21) 2533-1277

AVISO

SE O OUVINTE NOTAR alguma diferença na programa-ção das rádios MEC, problemas na transmissão, um certo distanciamento na voz do locutor, muitas reprises e poucos programas ao vivo, releve e tenha paciência.

RELEVE porque, desde março, as duas estações tiveram que mudar de instalações e endereço, e estão operando improvisada e provisoriamente na antiga sede da extinta TVE – repararam quanta extinção está ocorrendo?

E TENHA PACIÊNCIA porque, no caso do prédio, não existe sequer projeto feito e aprovado, nem licitação, nem verba alocada, etc., e a pergunta que não quer calar é "Quando a Rádio MEC voltará ao lar?" E se o dileto ouvinte, apesar de tudo, nada notou de anormal é porque 'o que os olhos não vêem o ouvinte não sente'. Tal ilusão auditiva é resultado de um milagre técnico, e deve ser creditada à direção (que acaba de ser trocada) e, principalmente, à equipe técnica da rádio (que está sendo substituída) – veja matérias nas páginas 2, 10 e 15.